

POEMAS DE VITOR NASCIMENTO SÁ

CARONTE

Na primeira vez que vi Caronte,
minha vida pareceu mais acabada.

Mas passadas quase três eternidades,
mirando sua face na saída,
pareceu-me a única amiga
a que eu já tinha observado.

Na terceira vez que Caronte encontrei,
já trazia o coração despedaçado:

nem o cumprimentei, pobre barqueiro.
paguei e ordenei que atravessasse,
eu, lamentando ter morrido de infarto
e com paixão mandando no meu peito.

Caronte, agora, encontro todo dia:
é porteiro do prédio onde trabalho.

Com bom dia o saúdo logo cedo;
vem trazer o meu jornal meio amassado.
E, ao sair, digo assim, meio com medo:
boa noite, meu barqueiro desgraçado.

EPITÁFIO

Para Antônio Sá do Nascimento

Quando Tonho turvou o dia,
o céu trouxe a chuva e a seiva
para compensar nossa solidão.

E todos os amores,
sentados em volta
do leito de dores,
oravam inaudível
com a voz que
trava a noite.

Mais tarde, inscreveu-se
o signo da cruz em sua lápide:

Em nome de Baco,
e de Sísifo,
das Sereias em canto,

Alguém.

VIA-LÁCTEA

Trago entre os dedos
milhões de estrelas.
E contar minha despedida,
minha disparada,

minha depressão,
é sabotar a rio que desce
na direção daqueles
que não me são.

Trago nas mãos a prece
da profundidade das vulvas,
da garganta das canções
que não tem razão de sê-las.
Porque trago entre meus dedos
milhões e milhões de estrelas.

ECLIPSE

Hoje a lua chorou
o sangue das desvirginadas.

Arte de São Jorge
com sua lança fálica,

agora que já não há mais dragões.

VITOR NASCIMENTO SÁ (Bahia) – Poeta e Professor de Literatura. Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É co-diretor do Grupo CONCRIZ, equipe de jovens recitadores e poetas que tem realizado diversos recitais desde 2005. Tem trabalhos publicados no *Verbo 21*, *Cronópios* e *Correio das Artes*.